



A Capoeira Contemporânea à luz das tradições e fundamentos: um posicionamento histórico necessário

Emmanuel Umbelino Ribeiro¹

¹ Graduando em História pela Universidade de Uberaba. Instrutor de Capoeira pelo Raízes do Brasil, grupo onde pratica a mesma desde 2002. E-mail para contato: umbelino1722@gmail.com

ENTRE FUNDAMENTOS E TRADIÇÕES

Dentro das disputas de narrativas sobre a Capoeira, encontram-se algumas desavenças históricas que já deram muito pano pra manga. As três grandes tradições, que figuram a organização da prática e o estilo a ser jogado, guardam profundas diferenças uma às outras. Elas não são exclusivas, mas na atualidade, se tornaram as mais praticadas e conhecidas. Angola, Regional e Contemporânea, travam disputas que vão desde os escritos teóricos, às rodas de porradaria². A problematização gira em torno de uma alegação central: qual é a Capoeira mais tradicional? Quem é o mais puro? Porém, num país como o Brasil, onde o cruzo (RUFINO; SIMAS; 2018, p. 18-19) define sua formação, é complicado afirmar tal pureza – e talvez não seja necessário. É esperado, já que são múltiplas as identidades que o constituem, que se busque por uma fixidez, por uma filiação, um elo perdido. Contudo, esse elo, quando reivindicado sem um olhar atento para as determinações da realidade, se torna braçadas infinitas num oceano de questionamentos. Aqui, Exu brinca como senhor do tempo, aquele que como historiador, joga pedras hoje, os questionamentos do presente, para acertar o pássaro do ontem, o passado. Eis o movimento da História! O elo entre a tradição e o passado, pode ser desvendado por Exu, incorporado em cada historiador que se dedica a analisar as tradições.

A experiência horrível da colonização cindiu diversas identidades e pertencas. Como sabemos, obrigou povos africanos a serem trazidos como escravos às Américas, objetificando seus corpos e desarticulando suas formas de vida, de organização e de relacionamento com o Universo. A travessia forçada, despeja-os por essas terras que pisamos hoje e, frente a necessidade de se recriar seus sistemas simbólicos, para permanecerem vivos, os mesmos vão realizar um movimento que o historiador Luiz Antônio Simas vai definir como culturas diaspóricas³.

² Aos leitores e leitoras não capoeiristas, talvez surpreendam-se com algumas expressões típicas das rodas de Capoeira. As mesmas permanecerão ao longo da leitura, tendo em vista que, primeiro, essa é uma pesquisa destinada aos capoeiristas; segundo, a utilização das expressões remonta o universo simbólico da Capoeira; terceiro, o compromisso de uma pureza acadêmica ocidental não é suficiente para pensar as diversas dinâmicas culturais e epistemológicas não brancos. Porradaria então, remonta aqui, ao ambiente das disputas nas rodas de Capoeira que hora, ainda hoje, podem carregar a face da violência, já que essa tem por objetivo fim, a manutenção do corpo negro à partir do uso da violência.

³Entende-se como o fenômeno da recriação de formas culturais que foram desagregadas com a escravidão. As sociabilidades construídas no Brasil, que, a partir da aproximação forçada de diferentes povos, criou um sistema simbólico que possibilitou a resistência e a codificação de novas culturas e identidades de cá do Atlântico.

⁴Trocas de saberes não hierarquizados entre diferentes povos, onde a centralidade se estabelece no potencial africano da troca justa, na amálgama que engrandece, que acumula força vital. Os cruzos vão desde as formas de se viver, comer, vestir às formas de fazer ciência.

⁵ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=l-kVSp8VBAAo>, Acesso:07/07/2025. A afirmação da existência do cruzo entre os vários povos africanos, indígenas e europeus não é colocada aqui como harmoniosa. Afirmamos sim a existência do mesmo, mas a partir de uma hierarquia social, que coloca o branco e a branquitude como régua da humanidade e da civilidade. É nesse cenário, de muitas desigualdades, que os sistemas simbólicos serão forçados a serem reinventados.

⁶ Estudos ainda não publicados.

⁷ As datas referidas dizem respeito, respectivamente, ao fim formal do tráfico estrangeiro de escravizados e aumento do tráfico interno, e a codificação da Luta Regional Baiana de Mestre Bimba. Com o fim do tráfico externo, as organizações internas entre escravizados, a possibilidade da compra de alforria, e a alteração no sentido da escravidão para uma ampliação da participação desses sujeitos na vida pública da cidade, a Capoeira, o Candomblé e o Samba passam por um salto em seu processo de desenvolvimento, constituindo-se as primeiras tradições dessas manifestações. A outra data, é importante por que marca o fim da era de Ancestral da Capoeira e o início das codificações de uma moderna Capoeira, dividida por linhas, estilos que se tornariam tradições; o Bimba traz uma revolução na forma de se fazer Capoeira que altera tudo que acontece depois.

Contudo, a rearticulação desses símbolos, será atravessada pelos já ditos cruzos⁴, seja entre povos africanos, ou ainda dentre indígenas e europeus. Como o próprio Simas disse em entrevista: “O Rio de Janeiro realizou cruzos de povos que na África jamais seriam possíveis”⁵.

Um dos sintomas do Brasil é criado nesse cenário, a Capoeira é fruto do diálogo das experiências intra-africanas que codificam a mesma como arma de manutenção da vida. E partimos daqui, exatamente do momento de sua criação, para refletirmos sobre a questão colocada no hoje, sobre a busca por uma pureza ancestral, a busca pela mais tradicional das tradições.

Contudo, há aqui ainda outro problema. É muito normal, nas rodas e treinos de Capoeira Brasil à fora se ouvir sobre fundamento e tradição, como se essas duas coisas fossem uma só. Durante minha longa caminhada de mais de 20 anos de dedicação a Capoeira, pude certa vez ouvir de um mestre: “minha Capoeira tem mais fundamento, por isso é mais tradicional”. Porém, essa confusão não explica nada, pelo contrário, faz a peleja entre fundamento e tradição se esvaziar de sentido.

Vejamos a diferença que se estabelece entre esses dois, já que o debate carece de maiores formulações por parte dos capoeiristas. Entende-se por fundamentos tudo aquilo que é necessário para a existência dessa prática. Em outro momento exploramos essa discussão e chegamos mesmo a entender que os Fundamentos da codificação inicial da Capoeira - os primeiros a aparecer como partes de um todo centralizado como Capoeira - são o corpo negro, a ginga e a luta por liberdade⁶. Esses são os Fundamentos que aparecem como os iniciais da Capoeira, desde seus primórdios. Mas entre 1850 e 1930⁷, a Capoeira vai se modificar, ampliando sua codificação e integrando outros elementos ao panteão dos Fundamentos (a depender de cada região); é nesse momento que a roda e a musicalidade passam a ser elementos fundantes da Capoeira.

Via de regra, o Rio de Janeiro e a Bahia foram os locais onde o coro comeu, as Capoeiras que aconteciam nessas duas localidades guardavam diferenças simbólicas em sua prática, e foram decisivas na constituição do que se hoje entende por Fundamentos. A Capoeira, nessa temporalidade, inicialmente é uma prática que reúne como Fundamento o corpo negro, a luta por liberdade e ginga; e posteriormente, no final deste período a roda e a musicalidade passam a ser fundantes para a prática, essa agregação de dois novos fundamentos acontece muito por conta da modificação dos cenários regionais e das trocas que aconteciam entre o Rio e Salvador. Fundamento é aqui uma confluência entre elementos básicos e sociais, e elementos práticos reinterpretados de outros espaços (religiosidades, e as formas de viver africanas) para a mesma. Fundamento é a reunião desses cinco elementos que norteiam as características principais da Capoeira!

Tradição por sua vez, se tornou, com o esvaziamento de sentido, sinônimo de Fundamento. Porém os sentidos são essencialmente distintos.

1. conjunto de princípios a partir dos quais se pode fundar ou deduzir um sistema, um agrupamento de conhecimentos.' 2. base sólida que legitima ou autoriza algo; motivo, razão. 3. base, alicerce. 4. conjunto de regras básicas de organização e funcionamento de uma instituição, estabelecimento, esporte etc. (FERREIRA, 2004, p.434).

Vejam também os sentidos africanos de tradição:

Em todos os ramos do conhecimento, a cadeia de transmissão é fundamental. Se não há transmissão regular, o que se comunica é apenas conversa e não conhecimento. Quando emitido dentro dessa cadeia, o conhecimento torna-se uma força operante e sacramental.

Nesse sentido, a tradição, para os africanos, não é estática. Ela é vista como o ato de transmitir algo para que o receptor tenha condições de colocar mais um elo em uma corrente que é dinâmica e mutável.

O ensinamento tradicional deve estar unido à experiência e integrado à vida, até porque há coisas que não podem ser explicadas, apenas experimentadas e vividas. (LOPES; SIMAS, 2020, p.38)

Logo, a tradição aparece aqui como a modificação de traços específicos de tal ou qual manifestação cultural para que a mesma responda às questões do contemporâneo. Tradição é a mobilização de um passado para, a partir dos elementos centrais desse, alterar a prática de maneira legítima, de maneira que essa se articule com o presente sem perder sua identidade cristalizada.

Quando pensamos em Gramsci tradição será o “[...] conceito de uma continuidade que deve ser superada.”, isso significa que a continuidade deve articular dialogando com as necessidades contemporâneas e os aprendizados do passado, inaugurando mudanças que sejam significativamente superadas/transformadas qualitativamente, que respondam melhor às questões colocadas ao grupo naquele momento histórico a partir da inspiração do passado. As filosofias africanas vão olhar para esse processo como a manutenção do próprio grupo a partir do elemento central que liga a atualidade ao ancestral, o sentido da transmissão. Aquele que recebe essa tradição pela transmissão oral - e a palavra, detentora de força vital, ocupa papel central nessas filosofias - tem por tarefa alterar a tradição para que a memória permaneça, e assim aquele que morreu, permaneça vivo. Já que para essas filosofias, “[...] a morte é lida como espiritualidade e não como conceito em oposição à vida.”.

Dentro desse panorama, podemos tranquilamente concluir que tradição é a atualização da forma, da apresentação, dos fundamentos - esses sim, inalteráveis. Observe que os exemplos históricos não nos deixam mentir. A

atualização que Mestre Bimba faz em sua Luta Regional Baiana, é uma atualização da forma, da apresentação da Capoeira Ancestral, que mantém os elementos centrais intactos. Na Capoeira de Bimba o corpo negro ainda é central - veja ele mesmo como Mestre - a roda, a musicalidade e a ginga também são elementos presente, assim como a luta pela liberdade, que se expressa nos diálogos políticos de Bimba com o Estado, para a manutenção da Capoeira (necessidade conjuntural). Aqui o formato da roda, da organização da bateria, da ginga, e a expressão da luta pela liberdade, não interessa. Nos importa que eles se façam presente. O fundamento se mantém, a tradição se altera, e assim Bimba cria a sua tradição. Outro exemplo, esse mais atual, é o de Mestre Ananias e a Roda da República, onde a roda organizada e mantida por vários capoeiras de São Paulo, mas tendo uma centralidade no Mestre Ananias, expressa a musicalidade, por exemplo, com diferentes ritmos de outras tradições - Angola, Iúna, São Bento Grande da Regional, Jogo de Dentro - que bebem das várias inspirações que organizam a roda. A luta pela liberdade também toma versos específicos no que tange a ocupação do espaço da Praça da República como resistência e mesmo a ginga se torna uma experiência múltipla por conta dos componentes da roda. Nesse sentido, a Roda da República, conduzida por Mestre Ananias, acaba por organizar uma tradição específica de Capoeira - a capoeiragem paulistana - que mantém os Fundamentos originários. A seguir, pode-se verificar a validade dessa distinção entre um e outro no que tange as várias tradições de Capoeira em sua historicidade.

POSICIONANDO HISTORICAMENTE A CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA

Para pensarmos em tradições da Capoeira, antes precisamos verificar o movimento dessa na história, já que, é a relação com as demandas conjunturais que vai fazer com que a mesma se adapte, criando tradições múltiplas como formas de compreende-la e pratica-la. Essas tradições são as formas de fazer, o contorno próprio que a Capoeira vai tomar a partir da percepção do Mestre que orienta e do diálogo que esse estabelece com a ancestralidade e com o contemporâneo.

Iniciamos essa conversa pensando nas temporalidades propostas pelo professor Leandro Palhares, onde a primeira compreensão do germe da Capoeira como compreendemos hoje, aparece ainda em meados do século XVIII. Essa - estima-se - é um fenômeno de amalgama de lutas africanas (sobretudo dos povos Bantu) que, com o advento da escravidão, se reformulam no Brasil como arma de resistência⁸. A mesma é chamada pelo professor Palhares de primitiva, mas também encontramos em outras fontes, outros nomes para ela, como “Capoeira Escrava (1808-1850)” utilizada pelo professor Carlos Eugênio Líbano Soares.

[...]E foi exatamente isso: este estilo de Capoeira foi o primeiro a se constituir em solo brasileiro e que sua constituição se deu pela

⁸ A ideia básica aqui é a de que os encontros intra-africanos, utilizam de distintas experiências, lutas e práticas e, em dialética com a condição social estabelecida, criam algo novo. O mais próximo do que se tem por Capoeira em África, é conhecido como N'zinga, ou, a dança da Zebra, amplamente estudada por Mestre Cobra-Mansa. *Gingando na linha da kalunga: Capoeira Angola, Engolo e a construção da ancestralidade*. 2019. (2019).

associação de gestos corporais, fundamentos e „o espírito“ das lutas africanas, dos mais diferentes povos (JOGO DE CORPO, 2013) – sincretizadas no Brasil como contraponto ao sistema escravocrata Daí, a pertinência desta adjetivação à origem da Capoeira. (SOARES, 2019, p. 9-10)

Essa Capoeira foi então a grande matriarca, a que fez despertar o espírito da violência como arma de resistência. Ela não existia a partir de um formato, ou de características específicas; era um aglomerado de situações onde a mobilização do corpo negro como arma era necessária para a auto defesa. O estabelecimento do que chamamos por Fundamentos, as características mais gerais da Capoeira, serão codificados posteriormente, no que conhecemos por Capoeira Ancestral. Essa temporalidade (1850-1930) será a grande responsável por organizar os princípios básicos, inicialmente: ginga, corpo negro e luta por liberdade; e, num segundo momento o estabelecimento da roda como espaço oficial da prática e a presença da musicalidade. A Capoeira Ancestral não continha em si um método, era uma mediação entre as necessidades de auto organização do povo preto para criar sentidos de vida, e a própria Capoeira como criação desse sentido.

Fazendo uma transposição conceitual (ousadia de minha parte), a Capoeira Ancestral foi (e ainda é) o fundamento das demais Capoeiras. Essa Capoeira desenvolvida entre os anos 1850 a 1930 foi a “ciência” (no sentido de produção de conhecimento: um saber social e politicamente orientado; com uma episteme e métodos próprios e pertinentes ao seu contexto fundante; sabedoria) que possibilitou a existência outras “ciências” (os estilos: Regional, Angola e Esportivo). Posso trazer, para futuras reflexões, que a Capoeira Ancestral foi a “ciência mãe”; que ela é a “Capoeira mãe”. (SOARES, 2019, p. 9-10)

É a partir da existência da Capoeira Ancestral que outras “ciências” como propõe Palhares, podem existir. Nesse sentido, bebendo da fonte dos Fundamentos agora organizados enquanto tal, dois sujeitos vão inaugurar uma nova fase na Capoeira. Mestre Bimba e Mestre Pastinha seriam então os grandes desenvolvedores de novas tradições para a Capoeira a partir dos fundamentos pré estabelecidos. Nas duas Capoeiras encontramos esses, mesmo que expresso de diferentes formas. Antes de avaliarmos as características principais dessas capoeiras, precisamos afirmar aqui que, sim, existiram outros mestres e mestras que vão organizar outras tradições nessa mesma temporalidade. Contudo, pela relevância que a Regional e a Angola (tradições de Bimba e Patinha, respectivamente) conquistam, outras tradições desenvolvidas nesse mesmo tempo, não se tornaram tão relevantes. Angola e Regional são determinantes! Elas impactam profundamente tudo viria a ser

criado posteriormente a elas. Isso se dá por conta mesmo da mediação que essas capoeiras farão com as necessidades históricas do momento.

Naquele momento a Capoeira era ainda considerada crime e figurava no código penal do Brasil

Assim, para que houvesse uma definitiva consolidação da República teve início uma enorme caçada aos capoeiras, que tiveram sua prática proibida já com o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo decreto 857, de 11 de outubro de 1890, onde a figura do capoeira encontra-se enquadrada no capítulo XIII, intitulado "Dos Vadios e capoeiras"[...]. (LOPES, 2008. p. 2)

A mesma não penalizava exclusivamente capoeiras. Entrava na "porrada" qualquer um que parecesse com um Capoeira, já que naquele momento o corpo preto em ritmo violento de questionamento social era o alvo a ser abatido, todo e qualquer elemento associado a Capoeira, como o ato de portar navalhas, ou o uso de chapéus com fita seria o suficiente para enquadrar um sujeito com um "capoeira".

Logo, a Capoeira era o inimigo central, mas o Capoeira se convertia em um tipo social, uma forma de ser no mundo. Aqui cabe a referência do importante jornal da época, o Correio da Tarde, que trouxe em sua matéria, ainda em 1849, uma definição dos capoeira que serve como uma luva na perspectiva mais à frente que iria colocar a mesma no código penal:

Capoeira, capoeiras! gente que com a testa faz n'um instante mais espalhafato que meia dúzia de Godans ébrios a jogarem o soco; gente que com a faquinha n'uma mão e o copo na outra afronta o mais intrépido valentão, mete às vezes uma patrulha no chinelo, fazendo-a amolar as gâmbias com a maior frescura do mundo; gente garrula, provocadora, que só guarda as esquinas ou as praças do mercado, rebuçada às vezes em uma velha capa, trazendo o seu cacetinho por disfarce. Eis os capoeiras! (SOARES, 2004, p. 5)

Dentro desse panorama, Mestre Bimba entenderá a necessidade de se descriminalizar a prática e para isso, num movimento que ainda hoje não se tem conhecimento se foi intencional ou não, Bimba vai aproximar sua Capoeira de sujeitos brancos e estudantes das Universidades.

Com o ingresso de Sisnando – que teve que passar por um teste de força com o Mestre para poder treinar capoeira, pois Bimba, quando o viu, disse que ele "era branco, tinha a pele fina e não ia dar pra isso não" – os narradores apresentam que são abertas as portas da capoeira de Bimba para os alunos, majoritariamente brancos, das faculdades de medicina e direito de Salvador. (SODRÉ, 2019, p. 51)

Além disso, vai modificar a estrutura da musicalidade (bateria) e inserir novos movimentos na Capoeira, além de criar uma metodologia de ensino e aprendizagem para a mesma.

Esse processo, que preferimos chamar de institucionalização da capoeira, se dá por alguns fatores que podem ser observados concretamente e que, a partir deles, poderemos dimensionar de forma mais eficaz aquilo que orientou toda a presente pesquisa: a transição da capoeira enquanto prática pública para prática privada e a elaboração de um método de ensino-aprendizagem – algo que é inaugural no meio da capoeira. (SODRÉ, 2019, p. 22)

Modificou-se o nome para Luta Regional Baiana e ele retira a Capoeira das ruas, trazendo a mesma para um espaço privado. Esse processo ficou conhecido como o já dito institucionalização da Capoeira. Alinhado a isso, Bimba vai desafiar lutadores de várias modalidades na tentativa de mostrar a efetividade da Capoeira como luta.

O acúmulo dessas ações, alinhado a uma conjuntura onde então Presidente Getúlio Vargas entende a necessidade da criação de uma identidade nacional, vão desaguar na remoção da Capoeira do código penal. Movimento não isolado, tendo em vista que nesse momento as práticas e cultos religiosos dos negros seriam também descriminalizados pelo então presidente.

A Capoeira Angola, por sua vez, não tem uma data de início definida. Tendo em vista que a Capoeira em geral fora trazida e codificada, em sua maioria, por pessoas Bantu, faz sentido que a nomenclatura Angola já existia para o interior da Capoeira. Mas até a escrita deste artigo, não se tem conhecimento sobre a veracidade de uma possível nomenclatura dada a própria Capoeira como “Angola” anteriormente ao Mestre Pastinha.

Nesse sentido, Vicente de Ferreira Pastinha, vai sistematizar a Capoeira Angola quase que como contraponto a Capoeira de Bimba. Na Angola o lúdico do jogo vai ser evidenciado, em detrimento da força física e do atletismo defendido por Bimba. Pastinha também vai ser eleito como o grande mantenedor das “tradições” da Capoeira, tendo em vista que a narrativa que se cria sobre a Angola é a de não alteração dos fundamentos. Contudo, mesmo ela vai criar sua própria tradição. Algumas modificações como o uso dos tênis, o uniforme, e a evidência do jogo em detrimento da luta serão algumas das características dessa Capoeira.

Essas Capoeiras, oriundas de um mesmo tempo, poderiam ser consideradas como inconciliáveis, exatamente por defenderem perspectivas distintas quanto a Capoeira. Contudo, afirmamos que apesar das diferenças, as duas são centrais e em alguma medida complementares. A Capoeira Regional, com suas atualizações, numa troca constante com outras lutas, é a mediação necessária para a reoxigenação da Capoeira, inclusive nos marcos da legalidade. Já a Angola viria a ser a referência de um elo perdido com a ancestralidade, um

referencial de formas de transmissão da Capoeira que não se ocidentalizou. No que tange à efetividade do jogo, não é possível estabelecer uma Capoeira “superior”, tendo em vista que o jogo não propõe vencedores e perdedores. E, ainda no que tange às baterias, a Regional e a Angola vão atualizar aos seus modos, o que fora proposto pela Capoeira Ancestral. Criam-se assim as duas grandes tradições da Capoeira que vão impactar de maneira determinante tudo o que seria criado posteriormente. É água da fonte!

Aqui chegamos ao ponto central para nós no que tange a avaliação das temporalidades da Capoeira. Entre os anos 30 e 70, Bimba e Pastinha seguem exercendo suas capoeiras. A Bahia passa a ser a capital oficial da mesma, por conta da influência decisiva dos Mestres. Contudo, um movimento começa a acontecer entre os anos 1955 e 1960, que se estende para a Capoeira até os dias de hoje. Muitos capoeiras, sobretudo do Rio de Janeiro e de São Paulo irão à Bahia aprender os diferentes estilos com os mestres referências. Ou mesmo, antigos alunos da capoeiragem baiana irão migrar para o sudeste. Esse trânsito de capoeiras, alinhado às novas compreensões dos mesmos sobre a própria, vai, pouco a pouco, desenhando novos formatos de Capoeira, que não estão diretamente relacionados nem com a Regional, nem com a Angola. Dessa síntese dialética⁹ surgia o Senzala, uma das escolas precursoras da organização dessa nova Capoeira no Rio de Janeiro.

⁹KONDER, Leandro. O que é a dialética? 1981.

Ainda assim, a percepção de que estavam distantes dos fundamentos da capoeira baiana fez com que os principais capoeiristas do Senzala retornassem a Salvador, “visitando e treinando em diferentes academias, participando das mais tradicionais rodas de Capoeira Angola”. Devido a essas experiências entre os dois estilos, o Senzala não se definiu por nenhum deles. Manteve os ensinamentos de Bimba com os movimentos e instrumentos da Capoeira Angola. (IPHAN, 2014, p.59)

A partir dessas experiências múltiplas a Capoeira foi se recodificando em novos formatos, com novas mediações e interpretações sobre a mesma.

Um modelo novo, que fundia elementos das capoeiras Regional e Angola, surgia no Sudeste do Brasil, difundindo-se pelo país e, mais tarde, pelo mundo. Além do Senzala, outros grupos que seguiam essa tendência iam surgindo em São Paulo. Desde 1960, um grupo de mestres baianos começou a ensinar na capital paulista: “Suassuna, Brasília, Joel, Gilvan, Paulo Limão, Silvestre, Ananias e, durante os anos 70, Airton Onça e Acordeon. Alguns eram pupilos dos famosos angoleiros Canjiquinha (Brasília, Ananias) ou Caiçara (Paulo Limão, Silvestre), enquanto outros tinham vindo da escola regional de Bimba (Airton Moura, Acordeon)”. (IPHAN, 2014, p.61)

Essa nova codificação da Capoeira, pouco a pouco ganha espaço e, com a morte de Mestre Bimba (1974) e Mestre Pastinha (1981), ela se torna cada vez mais enraizada como uma nova tradição de Capoeira, que bebe de elementos das Capoeiras anteriores, mas que cria a si própria, se distinguindo das mesmas. Nasce assim, a partir da modernização das tradições, sobretudo no Rio e em São Paulo, uma Capoeira que dominaria o mundo, a Capoeira Contemporânea!

Influenciados pelas sequências de Mestre Bimba, os grupos cariocas e paulistas incorporaram à sua prática movimentos e instrumentação da Capoeira Angola. Uma das suas características principais é o uso de cordas para graduar os jogadores. Essa modalidade ainda não tem um nome consensual entre os capoeiristas. Uns preferem chamá-la “capoeira contemporânea”, outros “capoeira de vanguarda” e há ainda os que a nomeiam como “capoeira atual” ou, simplesmente, “capoeira hegemônica”. Os grupos que se tornaram os principais representantes dessa tendência no Rio de Janeiro são Senzala, Abadá e Capoeira Brasil; e em São Paulo, Cordão de Ouro e Cativoiro. (IPHAN, 2014, p.62)

Vale dizer que, mesmo com a ascensão da Capoeira Contemporânea, a Regional e a Angola não vão desaparecer do cenário da Capoeira. Questão que abre margem inclusive para o questionamento sobre a nomenclatura dessa nova Capoeira emergente. Por conta das características de jogo, a Contemporânea vai se afirmar quase que como uma continuidade da Capoeira Regional, fazendo com que a mesma se torne um exemplo de tradição ancestral necessário, mas superado no imaginário dos praticantes. A Regional, nesse sentido, perderá força e sua prática será centralizada sobretudo na Bahia. Já a Angola, que também passa por suas atualizações, fará um movimento de retomada de valores tradicionais de Mestre Pastinha, centralizando essa nova guinada às tradições a partir do Mestre Moraes. Essa, consolida-se no cenário mundial, tanto quanto a Contemporânea e se antagonizando com a mesma. Retomaremos essa discussão. Por enquanto nos basta chegar até o panorama dos dias de hoje. Angola, Regional e Contemporânea são, na atualidade, as três grandes tradições da Capoeira moderna.

A CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA E SUAS CONTRIBUIÇÕES COMO UMA NOVA TRADIÇÃO

Chegamos até aqui com algumas coisas estabelecidas: 1) fundamento e tradição são coisas distintas; 2) a Angola e a Regional são expressões dessas tradições; 3) uma Capoeira tem fundamento desde que respeitem os cinco antes pressupostos. Mas aqui está à questão central deste trabalho: o que é efetivamente a Capoeira Contemporânea? Como se organiza essa tradição? A partir de quais Mestres ela se referencia? Quais os elementos centrais da

mesma?

Quando olhamos para a realidade da Capoeira nos dias de hoje, tendo a Contemporânea como estilo mais praticado na atualidade, vemos que essas questões ainda não foram respondidas pelos/pelas capoeiras ligadas a essa tradição. Nas rodas da vida é normal ouvirmos afrontas dos angoleiros¹⁰ (muitas vezes amparados em um tradicionalismo cego, que reivindica uma capoeira ancestral que não lhes pertence diretamente como herança, já que essa herança se encontra como múltipla e expressa em todas as Capoeiras avaliadas até aqui) quando afirmam a não ligação da Contemporânea com a Angola ou a Regional. É muito comum também, os/as capoeiras dessa tradição – Contemporânea - dizerem a si mesmos como “Regionais”, como a “continuidade da tradição de Bimba”. Fato é que, no meio das possibilidades, não se respondeu às questões colocadas. O próprio nome “Contemporânea” já é problemático, tendo em vista que diz respeito ao que ou quem é do mesmo tempo ou da mesma época; que ou quem é do tempo atual. Essa definição pouco nos diz já que, como a Angola e a Regional existem ainda hoje, elas também são “contemporâneas”.

A tentativa confusa de aproximação dessa então Contemporânea à Regional também nos parece pobre de explicações. Isso acontece levando em consideração elementos que foram adicionados à Capoeira por Bimba e que seguem sendo utilizados ainda hoje no novo estilo como: a velocidade do jogo, e um jogo mais “em pé”; a metodologia de ensino-aprendizagem de caráter ocidental dos treinos; e a presença de uma forma de graduação, são os elementos que são utilizados como justificativa para tal. Contudo, aqueles que o fazem esquecem de virar a cabeça para o lado e colocar nessa balança outros elementos centrais, como por exemplo a bateria. Na bateria de Bimba utiliza-se uma organização conhecida como “Xaranga” com dois pandeiros e um berimbau. Deixo aqui a pergunta sincera aos capoeiras da Contemporânea: quando vocês jogaram em uma roda, que não tenha sido comandada por um aluno ou aluna direto e continuador da tradição do Bimba, que estava com essa formação na bateria? A Contemporânea vai abraçar elementos outros em sua composição de bateria, tais como a presença de três berimbaus, atabaque, agogô e por vezes reco-reco. Uma formação muito mais próxima da Angola diga-se de passagem.

Outro ponto de diferenciação do atual modelo com seus antecessores são também os toques utilizados. A Contemporânea codificou toques próprios como o São Bento Grande da Regional, que não é o mesmo São Bento Grande de Bimba, e utiliza, nos ritmos medianos, toques codificados como contribuições de outros mestres de Angola.

Nesse sentido, a Contemporânea, ao tentar se amalgamar com outras tradições, perde a possibilidade de ser algo diferente, novo e diverso. Isso ocorre exatamente em função da não diferenciação de fundamentos e tradições. Para se afirmar como uma Capoeira legítima, com fundamento, a

¹⁰ Praticantes de Capoeira Angola.

Contemporânea precisa se referenciar em outras invenções da Capoeira. Ela não conseguiu produzir um discurso sobre si mesma. Porém ela reúne na sua prática os cinco fundamentos anteriormente apresentados, estabelecendo a partir deles, diálogos próprios com sua conjuntura. Para além disso, entendemos que a prática é avassaladora e nem a melhor teoria consegue superá-la, é nesse sentido que o termo Contemporânea será mobilizado aqui, como referência a uma tradição de Capoeira atual que entende a si mesma como tal, mesmo que isso ainda cause confusões. Outros escritores já propuseram nomenclaturas novas, é o caso do professor Palhares:

Venho neste trabalho sugerir outro termo, mais condizente com as características acima citadas e com o caráter de espetacularização e formatação empresarial e capitalista que este estilo vem se aperfeiçoando ao longo dos tempos: Capoeira Esportiva; ou Capoeira Esporte; ou ainda, Capoeira Esportivizada. (SOARES, 2019, p. 4-5)

Porém a prática segue inigualável e mais do que propor um novo nome, cabe a nós compreender os elementos gerais, dentro do que se entende por fundamentos para criar-se um discurso sobre si mesmo.

Começamos do início, com aquele que, para nós, é o fundamento central: o corpo negro e a manutenção desse. Na atualidade, para além de sua reorganização marcial, a nível da efetividade da Capoeira enquanto luta, essa tomou lugar central no que tange a construção de outras narrativas, não embranquecedoras, sobre os corpos negros. Narrativas que dialogam a partir da noção de saberes encruzilhados, mas que não hierarquizam os mesmos e abrem para todo o mundo, um diálogo sobre as sabedorias afro-brasileiras em como criação de sociabilidades e de ciência. No portal Geledé, aparece uma matéria que consta a presença da Capoeira em mais de 190 países, sendo considerada uma das maiores divulgadoras da língua portuguesa no mundo¹¹. Isso porque, onde se encontra a Capoeira, se encontra cultura negra. Mesmo que mediada por corpos brancos, a essência da prática como luta negra, de criação de sociabilidades de resistência são verificadas mundo afora. A Capoeira, luta em outros céus pela libertação de outros corpos oprimidos.

Além disso, a mesma foi reconhecida em 2008 como Patrimônio Cultural Brasileiro e em 2014 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Os corpos negros da Capoeira, assim como as memórias de nossos ancestrais, alcançam locais de reconhecimento importantes na atualidade. Esses locais são centrais de serem ocupados, no sentido de apresentar para o mundo uma outra narrativa, não normatizante, não ambígua, mas como possibilidade de um mundo múltiplo. A Capoeira, e principalmente, a Contemporânea como grande organizadora desse movimento mantém a partir dessa demanda da atualidade o fundamento vivo.

Para além, pensemos também a musicalidade e a roda, que sim, se alteraram,

¹⁰ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/capoeira-da-marginalizacao-institucionalizacao/#:~:text=A%20Capoeira%2C%20hoje%20reconhecida%20como,as%20m%C3%Basicas%20n%C3%A3o%20s%C3%A3o%20traduzidas>.

mas que também são fundamentos mantidos pela mesma. A musicalidade presente na Contemporânea abriu mão de uma série de elementos ancestrais que, na minha perspectiva, são uma perda. O berimbau deixou de ser “parte do jogo”, por mais que ainda esteja ali comandando a roda, a relação entre música e jogo já não é mais tão efetiva. No passado se cantava o que se jogava, e se jogava aquilo que mandava a música e o toque. Nesse sentido cabe aqui o argumento utilizado pelo professor Palhares:

Portanto, nenhuma dessas nomenclaturas seria adequada para rotular esta Capoeira mais acrobática, com movimentos ginásticos e elementos circenses, baseada em treinos e desempenhos esportivos e deixando as questões culturais resumidas à presença da bateria de instrumento e ao canto – ambos com funções de energizar as rodas, um verdadeiro “DJ cultural”. (SOARES, 2019, p. 4)

No que tange os instrumentos, já trouxemos aqui a organização das baterias da Contemporânea (de uma maneira geral, já que existem outras possibilidades) , mas vale a repetição. Essas são assim organizadas: três berimbaus: Gunga - de som mais grave, que sustenta o ritmo e comanda a roda; Médio - com som mediano, nem tão grave, nem tão agudo, que faz a inversão dos toques do Gunga; Viola - mais agudo, com função de preencher os vazios musicais deixados pelos outros, com improvisações. Os berimbaus seguem uma dinâmica parecida com a dos ataques do Candomblé: Ru, Rumpi, Lê. Hora, a função dos berimbaus pode variar. Também se encontra na bateria, um atabaque, um ou dois pandeiros e o que mais o Mestre ou grupo achar que deve como: agogô, reco-reco, triângulo e por aí vai.

Quando utilizados no território da roda, os instrumentos não são apenas objetos. Afinal, eles tomam parte em todo o cerimonial que envolve a roda, ganhando significados e sentidos que os tornam sensíveis. Os corpos interagem com o som dos instrumentos, incorporando-os. A música da capoeira, como qualquer música, será regida por tempo, pulso, síncope, compassos, colcheias e semicolcheias, rufos, canto e melodias, criando uma teia de símbolos que provocam na roda essa condição mágica que distorce o tempo e o espaço. Esse complexo musical é necessário para o deslocamento dos jogadores e do público para uma temporalidade própria. Um espaço limítrofe situado num território extracotidiano poderá ser mobilizado e disponibilizado através do universo simbólico da música, dos ritmos e cantos, expressões corporais dramáticas, golpes, quedas e ritos, numa esfera de atividade que tem sua tendência própria: a tendência do jogo. (IPHAN, 2014, p. 103)

A roda, por sua vez, se tornou o ambiente oficial da Capoeira, a culminância dos treinos, espaço mágico de festejo, brincadeira e violência. A roda é a instituição símbolo da Capoeira. A quem diga que não foi a Capoeira que inventou a roda, mas a roda que criou a Capoeira. No que tange ao formato da mesma, na Contemporânea, normalmente, todas as pessoas ficam em pé na roda durante todo tempo de realização da mesma. O ritual em si é múltiplo, depende muito da formulação específica daquele local. Já que algumas rodas começam a mesma a lá Angola, com Ladainha, louvação e desenvolvimento. Outras começam com a Benguela¹², ou outros toques utilizados naquela roda. Assim se segue até o ponto alto, o momento em que o berimbau vira a casaca, aumenta o ritmo e chama para o São Bento Grande da Regional, onde o jogo se torna mais rápido e violento.

Avançando na verificação dos fundamentos chegamos à ginga, que aqui aparece como o estilo próprio de cada tradição, já que a ginga em si, mesmo que com diferentes formas, está sempre presente. O estilo de jogo da Contemporânea não é necessariamente uma fusão entre Angola e Regional, na verdade, longe disso. Esse estilo bebe das formulações de Mestre Bimba que, ainda na sua época, trouxe para Capoeira elementos de outras lutas, deixando-a mais efetiva do ponto de vista do combate “profissional”. Aqui, antes de tratarmos do estilo do jogo, a de se pensar também na própria filiação dessa Capoeira. Já que a mesma não é uma criação de Mestre Bimba ou do Mestre Pastinha, quem efetivamente cria essa tradição? Quem inaugura essa codificação? Essa questão é mais complexa e contém respostas não exclusivas, já que ela vai ser resultado de diversas contribuições. Porém, no que tange o estilo do jogo, algumas são centrais

Enquanto Mestre Arthur Emídio ensinava capoeira na Zona Norte do Rio de Janeiro, um outro movimento de capoeiristas surgiu na Zona Sul carioca. Em 1964, os irmãos Rafael e Paulo Flores retornaram de uma viagem à Bahia, onde treinaram capoeira durante alguns meses com Mestre Bimba. Resolveram continuar com os treinos no terraço do prédio em que moravam em Laranjeiras. Outros jovens foram chegando, como Gato e Gil Velho, que tinham tido experiência de capoeira com alunos de Mestre Sinhozinho. Em 1966, Mestre Bimba esteve no Rio para realizar o show folclórico Vem Camará e visitou os jovens, que haviam se intitulado Grupo Senzala. [...]

Desde 1960, um grupo de mestres baianos começou a ensinar na capital paulista: “Suassuna, Brasília, Joel, Gilvan, Paulo Limão, Silvestre, Ananias e, durante os anos 70, Airton Onça e Acordeon. Alguns eram pupilos dos famosos angoleiros Canjiquinha (Brasília, Ananias) ou Caiçara (Paulo Limão, Silvestre), enquanto outros tinham vindo da escola regional de Bimba (Airton Moura, Acordeon). Foram também responsáveis pela criação da Federação

¹² Ritmo mediano de jogo, próprio do grupo Abadá Capoeira.

Paulista de Capoeira, em 1974, instituição que endossava as regulamentações esportivas criadas para a capoeira. Influenciados pelas sequências de Mestre Bimba, os grupos cariocas e paulistas incorporaram à sua prática movimentos e instrumentação da Capoeira Angola. Uma das suas características principais é o uso de cordas para graduar os jogadores. Essa modalidade ainda não tem um nome consensual entre os capoeiristas. Uns preferem chamá-la “capoeira contemporânea”, outros “capoeira de vanguarda” e há ainda os que a nomeiam como “capoeira atual” ou, simplesmente, “capoeira hegemônica”. (IPHAN, 2014, p. 59-60)

Nesse sentido, a codificação inicial deste estilo de jogo pode ser compreendida como a amálgama das contribuições de Mestre Arthur Emídio, dos capoeiras Senzala (aprendizes de Bimba que beberam também da fonte de Pastinha), da organização da Capoeira paulistana, em diálogo diretos com os movimentos de Bimba e a musicalidade de Pastinha. Esse estilo se codifica com uma padronização dos golpes e esquivas a partir de formatos específicos, que perpassam sistemas de estruturas rígidas para a execução com perfeição dos mesmos. Uma “queixada”¹³ pressupõe então uma cadeira e uma diagonal bem postas, um giro de tronco e quadril potentes, um pé em contração para um golpe rápido e forte. Essa palavrinha “cadeira” passa a ser um elemento central no jogo, ela é o elemento de transição entre uma ginga e outra, e também uma base fixa e segura como princípio de golpes, desequilibrantes e esquivas. As movimentações de mãos e de quedas também são ampliadas nesse momento, com o contato com outras artes marciais como o boxe e o jiu-jitsu.

Para além disso, e fechando algo que pode ser amplo, encontra-se também a complexificação das acrobacias¹⁴.

Finalmente, podemos verificar que a Capoeira Contemporânea cumpre os fundamentos! Logo, é uma Capoeira tão válida a nível de manutenção da ancestralidade quanto qualquer outra. Com esse estudo, podemos também diferenciar o espaço próprio dos fundamentos dessa Capoeira e entender a mesma como uma nova tradição, que se relaciona com as questões do seu tempo histórico. O fato de não se ter um Mestre como referência faz com que essa Capoeira tenha dificuldade em definir a si mesmo e afirmar os elementos dessa nova tradição. Na verdade, podemos compreender a Contemporânea como um grande guarda-chuva de Capoeiras modernas, que guardam características comuns, mas que se diferenciam, tomam contornos próprios a partir dos Mestres referências de suas escolas. Três exemplos que são bastante distintos no que tange a forma de manifestação dos movimentos, mas que guardam características comuns que identificam essa enquanto uma tradição múltipla são a Abadá, Cordão de Ouro e Capoeira Gerais; três grandes grupos de Capoeira na atualidade, com estilos de jogo e toques distintos, mas que na estrutura geral se aproximam e se identificam como Contemporânea.

Essa tradição ainda apresenta outros pontos comuns entre as várias

¹³ Nome de um golpe da capoeira, considerado como golpe uma pernada, que usa toda estrutura do corpo para se atacar o queixo do oponente. Daí o nome, queixada.

¹⁴ Para nós, as acrobacias não são apenas movimentos de enriquecimento estético do jogo, elas carregam um profundo sentido na dinâmica própria do mesmo. São também movimentos que podem ser usados como ataques e defesas, enriquecendo aquilo que a Capoeira tem de maior qualidade enquanto luta: a imprevisibilidade! Aqui, se dança como se luta, e se luta como se joga!

manifestações de si. A própria organização em grupos de Capoeira, é um elemento que se dá a partir da complexificação do processo de institucionalização da Capoeira. A Contemporânea, como não tem uma referência unitária, se organiza a partir das referências desses Mestres dirigentes dos grupos, que dão conotações específicas para suas práticas, mesmo que todas Contemporânea. Esses grupos organizam internamente suas formas de graduação, essas graduações são fruto de um flerte da Capoeira com o militarismo, a partir de Mestres que alteraram a mesma com referência nessa estrutura militar.

¹⁵ A ideia básica é a de que escola e educação são conceitos que podem vir a se colidirem, contudo, o sistema educacional brasileiro, erguido sob a égide da catequese colonial, faz com que escola se torne um espaço disciplinatório, não educador. Diz respeito também, ao reconhecimento da educação, das possibilidades de ser educado em espaços não normativos com a rua e através do tambor. Pedagogia das Encruzilhadas, 2019.

A insistência na hierarquia e na disciplina militar entrou em desacordo com o processo de deslegitimação social da ditadura nos anos 1970. Quanto à polêmica em relação à criação do sistema de cordas, o certo é que seu uso foi institucionalizado em 1972, apoiado pelo nacionalismo militar. (IPHAN, 2014, p. 58)

Outra alteração dessa Capoeira é no sistema de transmissão da mesma. A Capoeira, anterior a Bimba, era algo transmitido de maneira oitiva, pela via oral e da repetição de movimentos daqueles que já a praticavam há mais tempo. Com a instituição dos grupos, ela passa a estabelecer trocas com uma escolarização¹⁵, já que essa passa a ser uma mediação da mesma, e os métodos de ensino-aprendizagem se alteram. Há quem diga que a Capoeira, antes instrumento de desobediência, passa a ser um elemento escolar que se entrega a obediência e cerceamento de corpos, próprios do sistema educacional. Preferimos pensar que ela está numa encruzilhada, apresenta para o modelo escolar uma possibilidade de ser em desobediência, e por desobediente, um fenómeno de educação como liberdade.

Dessa maneira, estamos diante de duas tradições de ensino e aprendizado que atravessaram a história da capoeira. O modelo da escola tradicional, voltado para a sistematização, racionalização e competição, em que o importante é o resultado ou a eficiência do processo de aprendizado, e o modo inspirado na forma antiga de aprender, na qual a vadiagem, a brincadeira e a estética tornam-se base. (IPHAN, 2014, p. 89)

Essas seriam as duas contribuições mais expressivas da Capoeira Contemporânea – graduações e a alteração no sistema de transmissão -, as duas alterações, inovações que fizeram sentido para o espaço onde essa está inserida. Ainda assim, reafirmamos que essa é um grande guarda-chuva, para uma diversidade de Capoeiras que carregam elementos comuns e por isso se aproximam, se identificando como Contemporânea. É uma criação própria desse tempo histórico, com contribuições específicas dos Mestres dirigentes dos grupos, os mediadores da ancestralidade com o novo.

¹⁶ A cultura do espetáculo é uma forma de encarar as manifestações culturais onde o evento tem mais centralidade do que a vivência cotidiana da cultura. Esse evento, majoritariamente, está ligado a ideia do lucro e do mercado cultural. A cultura do espetáculo, faz o evento perder o sentido como a festa de uma produção cultural que acontece na base, durante o cotidiano, onde a festa é o ponto alto. Aqui, a prática cotidiana em si, perde lugar para o evento esvaziado de sentido e vínculo comunitário. Esse é um conceito desenvolvido pelo historiador Luiz Antônio Simas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cNROnLiZMLA>. Acesso: 02/04/2025.

Outro elemento pouco explorado nessas páginas e que é um estado a ser ainda realizado pelos/pelas filhas dessa tradição, diz respeito a relação dessa com os campeonatos, disputas no sentido esportivo da coisa, monetização do capoeira, e a cultura do espetáculo¹⁶ e uma nova reorganização que está ocorrendo no interior dessa tradição. Elemento esse, que não é particularmente novo, está no cerne dessa tradição, e nem por isso se configura como algo positivo.

O que essa virá a ser, ainda é um mistério. Como historiador me proponho a ser um profeta do passado, e mesmo espero errar com frequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Capoeira Contemporânea pode ser compreendida então dentro de uma temporalidade específica e fruto de uma amálgama de tradições que criam essa nova perspectiva. Nela podemos verificar todos os fundamentos reconstruídos, a partir da inspiração de Bimba e Pastinha, mas que não tem em si um núcleo simbólico central e unificado.

Verificamos também as modificações próprias que fazem dessa Capoeira uma nova tradição, como as graduações a alteração na organização da roda, do jogo, e da transmissão da mesma. Essas foram, até o momento, as contribuições dessa para a Capoeira em geral. Essa é a Capoeira Contemporânea! A partir daqui várias críticas poderiam ser expressas, vários novos questionamentos aparecem como o que deixo a seguir: essa Capoeira está se alterando, se recodificando, então já não é hora de superarmos ela, de criarmos algo novo?

O presente estudo propõe um ponto de partida, refletir sobre a ideia do termo Contemporâneo e a investigação da validade dessa tradição frente aos fundamentos característicos dessa expressão cultural como um todo. Que novas rodas se abram a partir daqui. Iê!

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. B. de H.. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira. 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=22&busca=capoeira>.

KONDER, L. *O que é a dialética?* 1ª ed. Volume 23. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LOPES, M. T. Capoeira Angola x Capoeira Regional: um debate necessário. ANPUH/SP-USP, 2008.

LOPES, N.; SIMAS, L. A. *Filosofias africanas: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020.

OLIVEIRA, E. D; ARAÚJO, R. C.; ABIB, P. R. J.; NASCIMENTO, R. C;
NASCIMENTO, W. F. do. *Gingando na linha da kalunga: Capoeira Angola, Engolo e a construção da ancestralidade*. Banco de Teses, UFBA. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9573>. Acesso: 07/04/2025.

PALHARES, L. R. *Capoeiras: O que queremos preservar?*. Nº16. *Revista Vozes dos Vales*, 2019.

RUFINO, L. *Pedagogia das Encruzilhadas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.

SIMAS, L. A; RUFINO, L. *Fogo no mato. A ciência encantada das macumbas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

SOARES, C. E. L. *A Capoeira Escrava e outras práticas rebeldes do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

SODRÉ, P. H. C. *Contribuição à história da capoeiragem: Mestre Bimba, a esportização e institucionalização da Capoeira*, História, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2019.

VERGER, P. F. *Lendas africanas dos Orixás*. 1ª ed. Salvador: Pierre Verger Editora, 2002.

A Capoeira Contemporânea à luz das
tradições e fundamentos:
um posicionamento histórico necessário

Resumo: O presente artigo, tem por objetivo central a discussão sobre a Capoeira Contemporânea, buscando compreender a luz da História, suas bases práticas, a assertividade do nome e posicionando a mesma na historicidade da própria Capoeira. O subsídio para entender a Capoeira que se apresenta nos dias de hoje como moderna, é a diferenciação também realizada entre fundamentos e tradições, desmistificando essa relação e elucidando as diferenças centrais na aplicação dessas categorias para análise da Capoeira. Um cruzo entre o ancestral e o moderno, a pedra lançada por Exu ontem, que acertou um pássaro hoje (VERGER, 1985, p. 3-4).

Palavras-chave: Capoeira Contemporânea; Ancestralidade; História Social.

Capoeira Contemporânea in light of
traditions and foundations: a necessary
historical perspective

Abstract: The present article aims to discuss Contemporary Capoeira, seeking to understand, in light of history, its practical foundations, the assertiveness of its name, and positioning it within the historical context of Capoeira itself. The key to understanding Capoeira as it appears today as modern lies in the differentiation made between fundamentals and traditions, demystifying this relationship and clarifying the central differences in applying these categories to the analysis of Capoeira. It represents a crossroads between the ancestral and the modern, the stone thrown by Exu yesterday that hit a bird today.

Key-words: Contemporary Capoeira; Ancestrality; Social History.

Recebido em: 23 de outubro de 2024
Aprovado em: 07 de abril de 2025
